

DR. LUIZ PEREIRA BARRETO

Irany Novah Moraes (*)
José Rodrigues Louzã (**)

O centenário de uma entidade é a evidência de seu êxito: grande idéia, objetivos atingidos e ainda válidos.

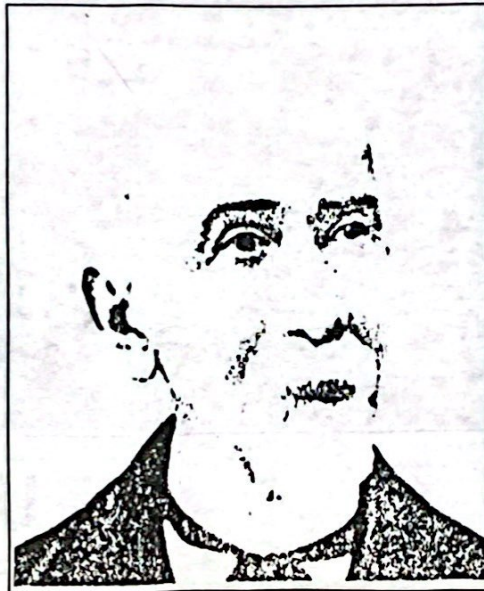
A Academia de Medicina de São Paulo completa cem anos no dia 7 de março. Seu fundador, o Dr. Luiz Pereira Barreto, merece encômios. Ele reuniu na rua São Bento nº 23 a elite médica paulista para agremiá-la, a fim de fortalecer a classe, tendo em vista o bom resultado que poderia advir da troca de idéias, pelo fato de cada associado afluir com seu manancial científico, obtido na clínica e no estudo, para o ensinamento de todos e com aproveitamento recíproco. Por outro lado, a estabilidade dessa associação importaria na irradiável solidariedade.

Cem anos passados, há de se reconhecer a visão holística de seu fundador. Para homenageá-lo em nome da Federação Brasileira de Academias de Medicina parafraseamos Osler, quando se referia à universidade, dizendo que *o melhor patrimônio é constituído pelos seus grandes nomes. Não são o fausto, a pompa e a solenidade que conferem a dignidade, nem seus bens materiais, edifícios, e sim seus homens que palmilham a espinhosa senda do trabalho até o sereno domínio da glória, subindo como as estrelas para a altura a elas destinada.*

A pujança de sua obra está manifesta em dois preciosos documentos: Artigo intitulado "Luiz Pereira Barreto" de autoria do Dr. Júlio Mesquita (O Estado de S. Paulo, 13-01-1923) e o livro do Prof. Dr. Roque Spencer Maciel de Barros, "A evolução do pensamento de Pereira Barreto" (Grijalbo/Edusp, 1967, 271p.).

O artigo do Dr. Júlio, publicado por ocasião de seu falecimento, ocupa quatro páginas do jornal, que na época tinha dimensão bem maior do que a atual. Além de minuciosa biografia relatou os dizeres das coroas de flores colocadas em sua sepultura, no Cemitério da Consolação, e também a lista dos que compareceram. Nomes esses que pertencem à história, à literatura e que estão hoje nas placas das ruas de São Paulo. O livro do Prof. Roque foi inicialmente apresentado como Tese de Doutorado em Educação na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1955) e posteriormente ampliado e transformado em livro.

O Dr. Barreto nasceu em 11 de janeiro de 1840 em Rezende, no Estado do Rio de Janeiro. Foi estudar medicina em Bruxelas, e como lhe faltava conhecimento de grego, foi preparar-se. Ao mesmo tempo, estudou Física, Química e História Natural. Defendeu Tese, foi aprovado



com grande Distinção em Ciências Naturais. Ficou oito anos na Bélgica e recebeu o grau de Doutor em Medicina, Cirurgia e Partos. Clinicou em Jacaré no Vale do Paraíba e depois na Capital.

A vida do Dr. Barreto foi muito profícua. Seu perfil pode ser rapidamente delineado ressaltando seu espírito participativo, inteligência brilhante, sensibilidade para perceber problemas, capacidade para analisar questões, vivacidade para tomar decisões mas, sobretudo, uma fé inabalável no futuro promissor do país.

Empolgado com as questões nacionais básicas e com o estofo de uma sólida cultura científica, empenhou-se em campanhas de interesse patriótico, como *café plantado em terra roxa*, pragas, *melhoria do rebanho*.

Sua cultura humanística profunda fez dele um filósofo positivista respeitado pela publicação da Filosofia Teológica (1874) e Filosofia Metafísica (1876). Não ficou em divagações teóricas mas idealizou soluções práticas para o desenvolvimento do país.

Como educador, influenciou pelos seus artigos publicados no jornal "O Estado de S. Paulo" sugerindo a criação de um curso de medicina e a organização da instrução primária.

Um fragmento de sua obra que aparece como epígrafe do livro do Prof. Roque mostra a profundidade de seu conceito de educação:

A lei da evolução mental é imutável no que diz respeito à sucessão dos fenômenos. Se não podemos, porém, suprimir

a sucessão natural das modalidades naturais, imensamente podemos fazer para que a intensidade dos fenômenos se modifique em nossa vantagem social. É a esse poder que se dá o nome de educação ou instrução em sua acepção mais lata, indo das mais simples operações numéricas até às mais altas especulações sobre os fenômenos sociais e morais. Assim considerada, a educação nos aparece sob um novo aspecto, com um caráter singularmente augusto: não é mais uma vã ornamentação convencional das faculdades brilhantes do espírito, onde a imaginação representa o mais conspicuo papel, é uma preparação solene, efetiva, para o triunfo do homem sobre o mundo e sobre si mesmo.

Pereira Barreto, Positivismo e Teologia, página 67.

Proclamava que os países desenvolvidos como Alemanha, Inglaterra e os Estados Unidos deviam essa condição à Reforma, pois seguiram a palavra de Lutero: *instruir as crianças é dever dos pais, dos magistrados, é um mandamento de Deus.*

Como médico tinha uma grande clínica, que exercia com devoção.

Esse perfil, revelando grande espírito público, levou-o ao Senado.

A visão do Dr. Barreto pode ser avaliada pela sua frase ainda bem atual: *o mundo se aperfeiçoa sem cessar, é chegado o advento da justiça social, da subordinação dos interesses pessoais aos da comunidade.*

Confiante na juventude, esperançoso com o futuro do país, o Dr. Barreto, referindo-se a seus projetos, afirmava com ênfase e emocionado: *eu só desejo que todos saibam, dignamente, ceder seus lugares à mocidade, animada de festivos e ardentes desejos de progresso.*

Uma síntese quantitativa da bibliografia do Dr. Barreto mostra sua exuberante produtividade: 1. Publicou 22 livros e opúsculos; 2. Escreveu 86 artigos no jornal O Estado de S. Paulo, alguns deles ainda na época do Império e, portanto, em "A Província de S. Paulo"; 3. Travou várias polémicas em "A Província" e em "O

Estado de S. Paulo", com José Bonifácio, Nash Morton, sobre o Darwinismo; viticultura com Miguel Kruse e Eduardo Prado; sobre febre amarela com Arthur Mendonça e Nuno de Andrade, e ainda sobre Pecúria; 4. Propôs a criação de um Curso de Medicina em São Paulo e sugeriu orientação para a Instrução Pública do Estado.

O Dr. Barreto era ativo, participativo e polêmico. Preocupado com o doente, estudadava a doença e o meio ambiente em que ela se desenvolvia. Assim, foi um grande sanitarista preocupado em sanear nosso país para se estabelecer uma política imigratória, afastando o preconceito nefasto do clima.

No início do século empreendeu campanhas sobre a viticultura e apresentava seus resultados como uma janela para um horizonte promissor.

Para exercer medicina no Brasil defendeu a Tese: *Teoria das Gastralgias e das Nevroses em Geral*, Rio de Janeiro, Tip. Paula Brito, 1865, e publicou vários trabalhos como - *A febre amarela* (1889); - *Perigos que nos pode trazer a água*; - *Exercício ilegal da medicina* (1888); *A cirurgia moderna e a medicina legal* (1884); *A cirurgia antisséptica na Campanha do Egito*.

A Academia ora centenária nasceu como Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo e, em 1953, passou à nova denominação, porém com os mesmos objetivos. Nestes cem anos ela teve 88 presidentes, que sucederam nosso homenageado. A possibilidade dessa liderança hoje é do Prof. Raul Marino Júnior, atual Presidente, e, a seguir, será do Prof. Cláudio Cohen, Presidente Eleito.

Os membros da Academia congregam a pluralidade dos conhecimentos adquiridos na vida pessoas e profissional em benefício do cidadão, contribuindo com sua parcela para conseguir um país sempre melhor.

O Dr. Barreto passou visita, como fazia diariamente, em seus doentes internados na Beneficência Portuguesa, no dia de seu aniversário, véspera de seu falecimento ocorrido no dia 12 de janeiro de 1923. Faleceu jovem aos 83 anos!

(*) O Prof. Dr. Irany Novah Moraes é Presidente da Federação Brasileira de Academias de Medicina.

(**) O Dr. José Rodrigues Louzã é Secretário Geral da Federação Brasileira de Academias de Medicina.

TIE



Um rio que m para o futu

(*) Walter Pinheiro Guerra

Comemorar-se-á, em breve, o 73º aniversário da semana de Arte Moderna. Teve por objetivo libertar-nos do colonialismo cultural e lançar novas bases na produção literária e renovação das artes plásticas genuinamente brasileiras. Nela, Mário de Andrade foi figura de proa, alcançando repercussão nacional e disseminando-se por todo o país. Contudo, treze dias antes de sua morte, Mário emitiu o canto do cisne, como se sentisse o próprio fim. Era sua última página literária, dedicada ao rio Tietê, que o viu nascer e morrer, e o qual tanto amara. Venerou igualmente todas as manifestações culturais brasileiras e paulistanas. Enamorado do rio símbolo de São Paulo, dedicou-lhe seu derradeiro lampejo intelectual. Vejamos a origem do nome desse caudal. Segunda nota inserida no "Jornal do SEHIS", órgão informativo do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, seu redator, o jornalista J. Pereira, aborda esse tema. No Século XVIII o nome "Tietê" foi associado, por José Gonçalves Pereira, às aves seme-

lhantes ao pintassilgo, conhecidas por "tités", muito comuns às margens do rio. Mais tarde, Teodoro Sampaio levantou duas hipóteses: "tietê viria de - tiê - a voz onomatopéica de uma família de aves... ou viria da junção de - ty - águas límpidas - e - etê - verdadeiro de "rio bastante fundo e verdadeiro". O livro editado pelo arquiteto e artista plástico Ricardo Ohtake revela o "importante, verdejante, desconhecido e inacreditavelmente cristalino sem suas águas" na Serra do Mar. Há anos conhecemos o rio em questão, na altura de Guarulhos. Foi por volta de 1933, decorridos já 60 anos... Nele podiam-se praticar esportes aquáticos e banhar-se. Passados apenas 12 anos, 1945, ano da morte de Mário de Andrade, ele já o nomeava, em seu poema ecológico, como contendo "águas pesadas e oleosas", testemunho de sua rápida deterioração. A revista "Diálogo Médico", editada pelos Produtos Roche Químicos e Farmacêuticos, nº 7, de 1987, traz em seu texto o artigo sob o título "O Rio Tietê Está Morto", relativo ao memorável rio.

Nele aborda o outro significado para o nosso Tietê, "rio verdadeiro, rio legítimo". Aponta os 14 milhões de habitantes da região metropolitana, segundo a CETESB, como produtores de 400 toneladas de DBO/5 (Demanda Bioquímica de Oxigênio), medida para aferir a poluição, que equivale à quantidade de oxigênio de que o rio vai necessitar, para absorver os poluentes. Reduziu a 70% dos 100 bilhões de dólares empregados no Saneamento da Grande São Paulo, iniciado em 1976, quando o rio voltaria voltaria apenas a ser um "rio aceitável, sem mau cheiro e útil à navegação". Esta é a afirmativa do engenheiro da CETESB Rubens Monteiro de Abreu. Consoante a empresa estatal, "os peixes jamais voltarão ao trecho do rio conhecido como Alto Tietê".

De Salesópolis, onde nasce, até Mogi das Cruzes, o Tietê é razoavelmente limpo. Daí a 115 km após a nascente, iniciam-se as cargas poluentes, transformando-o num imenso canal de esgotos... Daí resultarem, para a população que vi-



sce

liza-se dessa água, febres tifóide e paratífóide, disenteria, cólera, infecções por salmonelas, gastroenterite, diarreia epidêmica, além de poliomielite! Para não falar em resíduos de metais altamente tóxicos como mercúrio, chumbo, cobre, bário, manganês e cromo. A intoxicação pelo chumbo leva ao saturnismo, que conforme a gravidade pode ocasionar sintomas de confusão mental, perturbações visuais, anemia e convulsões. A intoxicação pelo manganês, resulta no magnismo, que manifesta-se por progressivos distúrbios neurológicos, renais, hepáticos e digestivos. O cobre, embora não dotado de efeitos tóxicos, em concentração mais elevada que 1 miligrama por litro d'água, determina vômitos e, por fim, lesões hepáticas.

Mário tinha imenso amor pelo rio genuinamente bandeirante. E treze dias antes de sua morte, elaborou seu poema ecológico com o título "Memória sobre o rio Tietê". A Eletropaulo, em 1989, publicou na revista "Memória" sua despedida da terra que tanto venerou. Im-

ginariamente postado na ponte das Bandeiras, lançou o derradeiro brado de alerta e os últimos lamentos pelo estado em que se encontrava "seu rio Tietê". Febricitante, possuído pela sentida inspiração que brotava em seu cérebro, vislumbrou no rio doente imagens confusas e delirantes que vieram à tona. Serviu-se de versos livres que tanto apreciava, para descrever as ilusões que afogavam-lhe a mente e o coração ferido e revoltado. Viu nas águas "pesadas e oleosas" o reflexo de "luzes trêmulas, lares, palácios, ruas, arranha-céus e dinossauros". Com o coração devastado, viu tubarões, boto-ministro, peixeboi, espadarte e trairões, e no final Mário de Andrade deixa escapar toda a sua mágoa e sentimento sobre o rio que tanto amou. Em verdade o poeta faz um angustiante apelo às autoridades responsáveis, cujo grito ainda não foi atendido como deveria.

(*) Walter Pinheiro Guerra é membro do Departamento Cultural da APM.

Visita ao Juqueri*

Paulo Fraletti**

Todos nós trabalhamos aqui no Conjunto Hospitalar de Juqueri durante um longo período de vida. Em meu caso, 25 anos. Ao todo, na Assistência a Psicopatas (atual Saúde Mental), 47 anos e alguns meses, mais da metade da existência de uma pessoa.

Uma longa e valiosa experiência profissional e de vida como médico psiquiatra, neste ambiente hospitalar, o maior e mais renomado do Brasil.

De 1898 a 1938 foram 40 anos de crescimento material, médico-psiquiátrico e clínico-científico.

De 1939 em diante, a cada período de campanha eleitoral e de novo governo, surgia o pobre Juqueri, em escandalosas e sensacionalistas reportagens da imprensa e de programas jornalísticos das rádios e televisões. Era a vítima preferida de certo tipo de político e uma reação abusiva de governos recém-empossados.

Quase nunca mostravam os serviços e seções que funcionavam admiravelmente bem e, não raro, sem outros iguais em São Paulo e no Brasil. Nem falavam do trabalho, dedicação, nem muito menos do sacrifício da maioria dos seus médicos e funcionários. O que interessava era a caça de votos e a autopromoção administrativa de governos e partidos políticos.

Quantos de nós não lutaram arduamente para devolver-lhe a reputação do bom funcionamento que havia tido, muitos desempenhando, além das obrigações de seu cargo, várias outras funções. E não foi pouco o que se conseguiu! Mas valeu a tentativa e a esperança. Pelo menos salvou-se o espírito de Juqueri, revelador do idealismo e fama da medicina paulista, tão desenvolvida nas duas últimas décadas do século XIX e nas primeiras do século XX.

Eu costumava dizer que, se um dia o Juqueri deixasse de ser alvo de críticas, devassas e explorações eleitorais, os interessados se voltariam para outros centros médicos. E isso aconteceu. A próxima vítima foi o Hospital dos Servidores Públicos Estaduais, tão decantado de início.

Posteriormente, outros, não tendo escapado nem o grande Hospital das Clínicas de São Paulo.

Felizmente o que lançaram uma última pá de cal, sobre este notável núcleo médico-hospitalar, não eram dos nossos, mas, sim, adventícios na "Saúde Mental".

Apesar dos pesares, principalmente dos aborrecimentos, nossa passagem pelo Juqueri foi um belíssimo e utilíssimo tempo de nossas vidas.

Como eram acaloradas nossas disputas, e como se disputava e, até, se brigava (no bom sentido), pelo Juqueri, pelo doente e pela Psiquiatria. Disputas que, hoje, distantes no tempo, podemos designá-las de científico-emocionais, àquela época tidas como rivalidades de escolas e de grupos. A ala dos pavilhões de mulheres, com os seguidores de Mário Yahm, versus a ala dos homens, com os simpatizantes de Anibal Silveira. À parte, o grupo do Manicômio Judiciário, sob orientação dos exigentes André Teixeira Lima e Francisco Tancredi. Este, mais tarde, chefe de um terceiro setor de clínica do Hospital Central. Figuras todas elas saudosíssimas, no espírito e coração de todos nós. Nomes esses, acrescidos dos não menos saudos Celso Pereira da Silva, criador do Serviço de Neuro-radiologia, Aluísio Matos Pimenta, renomado neuro-psicocirurgião e a figura simpática do médico antropologista, Coriolano Roberto Alves, visados, todos eles, pelas farpas envenenadas do notabilíssimo chefe do Laboratório de Anatomia Patológica, Walter Edgar Maffei, além de muitos e muitos outros que, em suas atividades, se distinguiram, alguns já mortos, outros vivos. Não posso deixar de citar, porém, um deles, Osório Cesar, de início anatomopatologista, depois pesquisador do misticismo e da arte dos alienados, o criador da Escola de Artes Plásticas do Juqueri, a primeira do Brasil. Nem devo me esquecer de Atila Ferreira Vaz, espírito culto e brilhante.

Quantos não se destacaram na pesquisa médico-científica e científico-psiquiátrica, memorizada nos "Arquivos", a nossa revista, e quantos não se distinguiram como professores de medicina.

Em levantamento que realizamos nos anos 50, passavam já de 70. Franco da Rocha, Pacheco e Silva, Fausto Guerner, Enjolras Vampre, Oliveira Fausto, Andr. Teixeira Lima, Darcy de Men-

donça Uchoa, e tantos e tantos outros.

Muitos se notabilizaram como diretores-administradores. A lista é extensa, da qual cito somente, além de alguns daqueles que também citei como professores, Francisco Marcondes Vieira, Edgar Pinto Cesar e Pedro Augusto da Silva.

O lado pitoresco dava colorido ao nosso trabalho, como o da política interna. Primeiro, a do Centro de Estudos Franco da Rocha, que foi a sociedade médico-psiquiátrica de maior proeminência do Brasil, mesmo após a criação do Departamento de Psiquiatria da Associação Paulista de Medicina e da Associação Brasileira de Psiquiatria. Depois, a dos grupos políticos do Hospital: o "Azul Celeste", o "Troika", o "Aventais Engomados", o "Biribas" e o "República Romana".

Nota humorística era a do apelido que se dava a cada colega, batizado com o título de um jornal ou revista, dos quais me permito citar, como exemplo, o meu - "Pato Donald" -, pelas broncas que vivia a dar, segundo justificavam os autores da lista de nomeações. Brincadeira, essa, que repeta uma anterior, cuja originalidade constituía em fazer coincidir as iniciais do nome do colega com a sigla de uma psicose, desde que fosse identificada no apelidado, algumas características, ou semelhantes, da moléstia mental. Ficaram afamados o "P.G.", o "M.G." e alguns mais. Aqui, não cometei a indiscrição de apontar seus nomes.

Oh! a saudade do trem e seu restaurantes, da Santos-Jundiaí, do qual nos servíamos para vir a Franco da Rocha e voltar a São Paulo. Eram conversas, leituras, jogos, discussões, etc., segundo a preferência de cada um ou as circunstâncias do momento.

O célebre "Km 111" nem sempre tinha o sentido trágico da doença mental!

Fácil é, pois, deduzir, por tudo que eu disse até aqui, que não foi sem razão que Edmundo Maia teve a feliz idéia e iniciativa desta visita ao nosso muito querido, amado e respeitado Hospital de Juqueri, e recebidos que estamos sendo, com tanta gentileza e simpatia, por alguns de seus atuais dirigentes, Dr. Mário Balster Martins, Diretor Clínico do Departamento Psiquiátrico II, e Dr. Dario Braz da Silva, da Comissão Editorial dos "Arquivos de Saúde Mental do Estado de São Paulo".

Voltaremos sensibilizados com esta recepção e este agradável almoço, que tanto nos fez lembrar quando aqui almoçávamos diariamente, os 100 (cem) médicos do Hospital.

Viemos, hoje, cada um com seu carro, mas foi como se tivéssemos vindo todos juntos, como ao tempo do velho trem, testemunha de tanta manifestação de amizade, calor humano e discussão administrativa e científica. As viagens eram uma quase continuação da vida do Hospital.

Esta visita é uma espécie de "caravana da saudade", como a designou Edmundo Maia.

Para a maioria de nós, muito significativa, pois, quase todos, já em torno dos 70 anos, ou mais, até, como é o caso de Darcy de Mendonça Uchoa, com seus 87.

Em nossa memória, em nosso coração e em nosso espírito, ainda estamos aqui, virtualmente, graças à capacidade mental de transformar o espaço-tempo real em espaço-tempo subjetivo, como no que expressa a frase do velho lutador Franco da Rocha, que mandou gravar em torno do relógio, na fachada deste refeitório, bem no centro do Hospital: *Ut cuspis, sic vita defluit, dum stare videtur*, que, em tradução pró-forma, diz bem do nosso estado de alma: *A vida parece imóvel, mas corre como as horas*.

Ainda bem que, como Hipócrates, a gente pode se consolar com o primeiro dos seus aforismos: *Ars longa, vita brevis*, isto é, invertendo os termos: *A vida é breve, mas a arte é longa*, ou, ainda, adaptando-o às minhas palavras e às nossas vidas: envelhecemos, mas fizemos algo, em nome de uma grande causa: o Juqueri, o doente mental e a verdadeira Psiquiatria.

* Palavras ditas durante a visita feita ao Juqueri, por um grupo de antigos psiquiatras, em 22.10.1994

** Paulo Fraletti é Professor de Psiquiatria e Psicologia da Faculdade de Medicina da Fundação ABC.

Descalços no Parque: uma receita para relaxar

Decio Drummond



Eduardo Galvão e Martha Volpiani, o casal de *Descalços no Parque*

Embriagar-se. Caminhar descalço pelo parque. Duas receitas para relaxar, propostas por Neil

Simon em sua comédia *Descalços no Parque*, em boa hora encenada no teatro Ruth Escobar. Numa temporada em que os espetáculos encenados em São Paulo são mal escritos, mal dirigidos e de pobre acabamento, mais parecendo rascunhos ou ensaios. *Descalços no Parque* é uma das poucas agradáveis exceções.

Escrita há trinta anos, a peça surpreende pela atualidade e vitalidade, pois nesse meio tempo o mundo passou (e ainda vem passando) por transformações tão radicais, que as receitas prescritas por Neil Simon há trinta anos sinalizavam várias transições ocorridas na sociedade norte-americana. Hoje, as mesmas receitas adquirem novas dimensões, podendo ser encaradas como terapias contra o desgaste da vida moderna e como fórmulas para resgatar a espontaneidade nos relacionamentos humanos. Visto através dessa perspectiva, o texto está muito mais próximo de nós, aqui no Brasil de hoje, do que estava na época em que foi escrito. Aliás, a principal característica de Neil Simon é justamente ser de tal forma nova-iorquino que, paradoxalmente, atinge a universalidade pelo seu poder de dissecar o particular (e não é isso o que os cientistas fazem em suas pesquisas e descobertas de laboratório?). Essa preocupação de analisar as especificidades da vida em Nova Iorque e, com isso, provocar identificação no mundo todo, é, também, o que faz Woody Allen. Assim, pode-se dizer que Neil Simon está para o teatro americano assim como Woody Allen está para o cinema.

Autor de peças já bem conhecidas do público brasileiro, como *O Estranho Casal*, *Só Dói Quando Eu Dou Risada* e *O Prisioneiro da Segunda Avenida*, Neil Simon tem o seu público cativo naquele segmento de espectadores que prefere o sorriso vindo da reflexão, ao invés da gargalhada pelo óbvio.

A tradução de Flávio Marinho preferiu transpor o espírito dos diálogos a traduzir literalmente o texto. Os diálogos de Neil Simon são sempre pontilhados de coloquialismos tão tipicamente nova-iorquinos que, para se estabelecer afinidade entre o texto e a nossa platéia, foram necessárias várias soluções, todas muito felizes.

A direção de Jacques Lagoa sublinha com sensibilidade os diálogos, inclusive extraindo dos atores pequenas nuances de subtexto, valorizando, assim, a comicità e a agilidade do espetáculo, sem descambar para aquela estranha "doença de São Guido" tão do gosto de "diretores" que pensam que dirigir comédia é transformar o palco numa pista de corridas de obstáculos.... Ritmo, senso de timing e valorização de cada ator não faltaram na direção de Jacques Lagoa.

Martha Volpiani, no papel de Corie, tem uma bela figura em cena, graciosa, movimenta-se com

muita naturalidade. Só que precisa trabalhar mais a projeção da voz e a dicção. Às vezes chega a parecer que tem uma bala na boca.

Eduardo Galvão é um ator que interpreta seu personagem sem buscar efeitos fáceis. O espetáculo só tem a ganhar com isso. É sóbrio e elegante na melhor tradição do teatro britânico. Por isso, é difícil imaginá-lo descontraindo descalço, caminhand

minhando pelo Central Park. Eduardo Galvão está mais para Cary Grant do que para Chevy Chase (e isto é um grande elogio).

Arlete Montenegro transforma sua interpretação numa criação de alta costura, com cenas que outras atrizes tornariam meros prêt-à-porter... Talentosa e tarimadíssima, é uma atriz que consegue fazer com que um simples "Oh!" pareça um monólogo explicativo.

Walter Breda tem apenas duas cenas. Com ele, dois preciosos camafes.

Quando ao gordo Pando, por si mesmo uma figura cômica, fica ainda mais engraçado quando se imagina que subiu seis lances de escada.

Tárcito Rocha recebeu a responsabilidade do papel que (como na química) é o elemento catalisador de toda a ação. Ele e Arlete Montenegro são como que o contraponto (para usar a terminologia da música) que resolve o conflito Corie-Paul. É uma pena que o ator carregue nas tintas da comicità, apalhando o personagem. Além disso, Tárcito Rocha adquiriu o cacoete desagradável de esboçar um risinho ao fim de cada fala, o que acaba irritando e cansando o espectador. Acresce ainda a agravante de estar vestido mais como um *clochard* de Paris do que como um boêmio de Nova Iorque. Aliás, o guarda-roupa é o ponto fraco do espetáculo: ninguém está vestido como o personagem exigiria. Tipo, cor, situação, clima, estado de espírito, nível econômico, gênero de peça - tudo isso precisa ser analisado ao se "vestir" um personagem. Não foi o que ocorreu. O figurinista chega até a fazer Martha Volpiani ostentar dois vestidos da mesma cor, um no segundo ato, outro no terceiro, o que é, no mínimo, redundante. O traje cinza com que Eduardo Galvão aparece, não lhe assenta absolutamente, e é tão mal "alfaiatado" que apresenta um defeito feio na barra do paletó, com o forro repuxando do lado direito, o que é imperdoável para um profissional advogado nova-iorquino, principalmente quando se sabe que as pessoas de nível naquela cidade se vestem muito bem. Já no segundo ato, enquanto a filha surge com um longo luxuoso para um jantar formal, a mãe está vestida como se fosse fazer compras no supermercado da esquina. Uma peça desse gênero vive de pequenos detalhes que lhe dão credibilidade e verossimilhança.

O cenário de Renato Scipititi, aliado à iluminação de Guilherme Bonfanti, tira o máximo partido do espaço disponível. Funcional e de visual atraente, é bem um "studio" em Greenwich Village.

Coisa rara por aqui, *Descalços no Parque* é uma peça com um texto delicioso, num espetáculo bem dirigido e bem interpretado. Aleluia!

Vida Cultural

Saiu o último número da revista *Carisma, Formação do Médico*, fundada há quinze anos pelo professor doutor Irary Novah Moraes, que ainda a dirige com exemplar competência. A idéia inicial, quando da fundação da revista, era no sentido de abordar artigos para complementar a formação humanística do médico. À época Irary Moraes era presidente da Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Medicina da USP, e para levar a cabo a idéia, convocou os laboratórios farmacêuticos, havendo obtido colaboração do Sandoz, que até hoje patrocina o periódico. Para escrevê-lo são convidadas pessoas de várias áreas, e cada um, pelo seu prisma, traz a visão do tema abordado, dirigido para o médico em formação. Nesse último número, entre vários outros, encontram-se os seguintes artigos, cujos títulos servem para nos dar idéia da beleza do conteúdo do periódico: "O Médico do Futuro", "Racionar com Dados em Evolução", "Ética Médica", "Humanização da Medicina", "Assistência Espiritual em Hospitais".



O Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo vem desenvolvendo ciclo de palestras, que encerrar-se-á em março, abordando temas interessantes, tais como: "Praça da Sé, Palco da História", "Aspectos da Criminalidade em São Paulo, em fim do século XIX", "Vida Noturna nos Anos Quarenta", a cargo de, respectivamente, Yara Schreier, Guido Fonseca e Décio Freire dos Santos.



A escritora, poetisa, Mariazinha Congílio, em 15 de fevereiro passado, lançou mais uma obra, "Sinfonia do Tempo". O evento se deu na Casa de Portugal, com a participação da Academia Lusfadas de Ciências, Letras e Artes. Foi um grande sucesso.



Ivony Lindquist, na década de 50, começou a trabalhar com crianças hospitalizadas em Umeo, pequena cidade sueca. Logo se deu conta de que as crianças hospitalizadas não formam um grupo homogêneo e, delimitadas fisicamente, sofrendo, são afastadas do convívio dos pais, avós etc. Sensibilizada com essa situação, Ivony tratou de criar uma nova atmosfera em que as crianças tivessem auto-estima, segurança, e os procedimentos da equipe médica e paramédica pudessem ser compartilhados pelos familiares. Ivony Lindquist transmite a sua experiência no livro "A Criança no Hospital", editado pela Scritta, tradução de Raquel Altman.

G.A.P.